

## CONTRIBUIÇÕES DA SÁTIRA MENIPÉIA PARA O FANTÁSTICO DE “SOME WORDS WITH A MUMMY” DE E. A. POE

Nicolas Totti LEITE  
Universidade Federal de São João Del-Rei  
nicolas\_ichs@yahoo.com.br

**RESUMO:** As obras de Edgar Allan Poe marcaram a consolidação de uma precisa tradição textual na qual “o modo fantástico é usado para organizar a estrutura fundamental da representação e para transmitir (...) experiências inquietantes à mente do leitor.” (CESERANI, p. 12). Analisar em que medida um texto de Poe se aproxima das considerações feitas por Mikhail Bakhtin sobre a sátira menipéia permite-nos demonstrar como uma modalidade pode ser ao mesmo tempo específica e autônoma e estar conciliada, pelo uso de certas estruturas retóricas, artifícios formais e núcleos temáticos, a um gênero literário anteriormente consagrado. Em “Pequena Conversa Com Uma Múmia” (1845) Poe desenvolve a temática de “diálogo dos mortos”, em que uma múmia é utilizada para revisar o passado e ironizar o presente. Desse modo, conciliando o fantástico às questões filosóficas, este conto de Poe permite-nos entrever uma profunda relação com o contexto histórico uma vez que o fantástico é desenvolvido para satirizar a modernidade, discutindo alguns aspectos históricos importantes, com a democracia norte-americana e a experiência de tempo como progresso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sátira Menipéia; Literatura Fantástica; Contexto Histórico, Edgar Allan Poe;

### 1. Introdução

Na tentativa de delimitar o fantástico como uma modalidade do imaginário, Remo Ceserani em *O Fantástico* (2006) distingue do crescimento dos estudos teóricos e das diversas antologias sobre o tema, duas abordagens predominantes. Uma reduz o campo da ação do fantástico, identificando-o como um gênero literário historicamente limitado a alguns textos e escritores do século XIX, em que é contemplado obras apenas do romantismo europeu. A outra abordagem alarga o campo da ação do fantástico deixando-o sem limites históricos, na qual é abarcada uma quantidade de textos heterogêneos, como a Bíblia, as obras de Homero e de ficção-científica, entre outros.<sup>1</sup>

Em seu estudo, Ceserani propõe uma sutil mudança metodológica ao não considerar a literatura fantástica um gênero, mas um “modo” literário, isto é, um conjunto de procedimentos retórico-formais, comportamentos cognoscitivos e associações temáticas que se situou em diversos gêneros e subgêneros. O fantástico, nesse sentido, não é nem caracterizado simplesmente como um evento que transcende, nega e\ou opõe à “realidade” tal qual conhecemos, nem por procedimentos formais e temas isolados considerados *exclusivos*

---

<sup>1</sup> Nesta abordagem, o peso teórico é conferido, sobretudo, pela coletânea realizada pelos escritores Jorge Luis Borges, Silvina Ocampo e Bioy Casares denominado *Antologia de La Literatura Fantástica* (2010).

de um gênero, tal como concebe Todorov. A crítica literária é favorecida por poder ser fiel aos textos literários concretos e individualizados, sobretudo àqueles que apresentam elementos contraditórios reunidos por coerências próprias.

O crítico italiano, assim como muitos outros teóricos, aponta como o surgimento dessa modalidade a transição entre o antigo regime e a modernidade. De acordo com Ceserani, a literatura fantástica não pode restringir-se a elementos ou estruturas retórico-formais e a temas específicos, uma vez que um escritor pode se apropriar de diversos procedimentos existentes na história da literatura e criar outros com o objetivo de discutir os limites da realidade. No entanto, ao estudar as estruturas retóricas e temáticas *predominantes*, o autor parece estar repetindo, não tão sistematicamente, a abordagem estruturalista de Todorov, associando o fantástico apenas às abordagens intrínsecas e imanentes da literatura. Há uma dificuldade da teoria em reconhecer que o fenômeno fantástico de uma obra literária também estabelece uma relação profunda com o contexto histórico ao qual ela é produzida.

Analisar em que medida um texto de Edgar Allan Poe se aproxima das considerações feitas por Mikhail Bakhtin sobre a sátira menipéia, não visa somente enriquecer a crítica de Poe, mas também demonstrar como uma modalidade pode ser ao mesmo tempo específica e autônoma e estar conciliada, pelo uso de certas estruturas retóricas, artifícios formais e núcleos temáticos, a um gênero literário anteriormente consagrado. Em “Pequena Conversa Com Uma Múmia”<sup>2</sup> Poe desenvolve a temática de “diálogo dos mortos”, em que uma múmia é utilizada para satirizar a modernidade e problematizar a experiência de tempo como progresso. Nesse sentido, os elementos que compõem o fantástico são articulados por Poe neste conto e deixam entrever uma profunda relação com o contexto histórico, revelando críticas à modernidade de um país que caminhava rumo ao industrialismo.

## 2. Dialogismo em “Some Words With a Mummy”

As narrativas do escritor Edgar Allan Poe (1809-1849) se destacaram mundialmente não só devido ao apreço dos leitores pelo gótico, pelo macabro e pelo grotesco que ronda sua obra poética, mas também pelo modo como o escritor concilia o imaginário às questões filosóficas, entre outros fatores. As obras de Poe marcaram a consolidação de uma precisa tradição textual “na qual o modo fantástico é usado para organizar a estrutura fundamental da representação e para transmitir de maneira forte e original experiências inquietantes à mente do leitor.”<sup>3</sup> Desse modo, obras como “The Fall of the House of Usher” (1839) e “William Wilson” (1834), para não citar outros, são exemplos de obras fantásticas que contribuíram para tornar Poe a figura norte-americana mais representativa do século XIX desta tradição literária.

Articulando de um modo específico, as estruturas formais e os sistemas temáticos, as obras de Poe revelam as inquietações do homem do século XIX. E como nos lembra Walter Benjamin

Poe foi um dos maiores técnicos da literatura moderna. Pela primeira vez, como nos observa Galery, fez experiências (...) com a moderna cosmogonia, [e] com a descrição de fenômenos patológicos. Tais gêneros valiam para ele como produções exatas de um método para o qual reivindicava validade universal. (BENJAMIN, 2000, p. 40).

---

<sup>2</sup> Neste artigo utilizamos a tradução feita por Oscar Mendes e Milton Amado em “Ficção Completa, Poesia & Ensaio”, 1981.

<sup>3</sup> Ceserani, Remo. In: *O Fantástico*, 2006, p. 12.

No que concerne às estruturas formais, as narrativas de Poe demonstram o desenvolvimento da “unidade de efeito” elaborado por ele em *The Philosophy of Composition* (1846). Os sistemas temáticos, presentes nas obras de Poe são, em sua maioria, associados ao terror. Além dos textos em que os artifícios temático-composicionais são utilizados para causarem medo no leitor, existe ainda uma corrente na sua ficção composta por textos satíricos e humorísticos, tal como “Pequena Conversa Com uma Múmia”. Neste conto, o fantástico é aliado às questões filosóficas e ao cômico, o que nos permite entrever o dialogismo entre o fantástico e a sátira menipéia. Mas antes de analisarmos este conto de Poe, parece-nos central apresentar brevemente algumas características sobre a sátira menipéia elaboradas por Bakhtin a propósito da assimilação singular feita por Dostoiévski deste gênero da Antiguidade Clássica na época do helenismo.

De acordo com Mikhail Bakhtin (1981), a sátira menipéia é um dos diversos gêneros que compõe o campo cômico-sério. Este campo é caracterizado por sua profunda relação com o folclore carnavalesco cuja estrutura básica é a cosmovisão carnavalesca “que penetra totalmente esses gêneros, determina(ndo)-lhes as particularidades fundamentais e coloca(ndo)-lhes a imagem e a palavra numa relação especial com a realidade”.<sup>4</sup>

Este gênero é caracterizado por abordar as últimas questões da vida e da morte com uma extrema universalidade e, muitas vezes, suas personagens encontram-se no *limiar* entre a vida e a morte. Eis o ponto convergente mais evidente entre o conto de Poe e a sátira menipéia, pois como fica explícito no título da narrativa a estrutura fundamental da obra é organizada por meio da figura de uma múmia. A múmia é a própria imagem do *limiar*, por seu caráter ambíguo: o de não estar nem viva e nem morta, e por ser ao mesmo tempo sujeito e objeto. Karen E. Macfarlane (2010)<sup>5</sup> afirma em seu estudo sobre a imagem da múmia nas ficções imperialistas do século XIX que no momento em que as elas saem da posição de artefato ou relíquias e entram na simbólica ordem do Ocidente como sujeitos atuantes (apesar de condicionalmente), elas representam um conflito entre Oriente e Ocidente, passado e presente, entre cognoscível e incognoscível.

A característica fundamental do relato de Poe é a ironia, feitas ora pelo narrador ora pela múmia. Logo no início do relato essa característica é desenvolvida por meio do narrador homodiegético que apesar de almejar fazer “uma ceia leve”, acaba ingerindo uma quantidade duvidosa de cervejas pretas, o que torna o relato pouco confiável. O narrador-personagem representa a burguesia e, como veremos posteriormente, terá suas crenças e seus costumes ridicularizados pela múmia.

Depois dessa “refeição frugal”, o narrador deita-se com a esperança de dormir até o meio-dia seguinte. Ele faz a seguinte pergunta que caracteriza a ideia central da narrativa: “Mas quando teve a humanidade satisfeitas as suas esperanças?”<sup>6</sup>. Mais do que mostrar que o narrador terá o seu sono interrompido, essa pergunta revela a insatisfação do homem diante de sua condição de homem burguês, prisioneiro dos costumes, dos valores e das crenças do seu tempo e de sua sociedade. A insatisfação e a melancolia é uma das características dos narradores de Poe que carregam consigo a própria condição de seres marginais.

Era um bilhete a mando de seu amigo Ponnonner dizendo que havia conseguido permissão para examinar a múmia. Ao chegar à casa de seu amigo sabemos pelo narrador-personagem que “A múmia estava estendida sobre a mesa de jantar”, local sagrado onde os homens fazem suas refeições. Deste modo o banquete é construído na narrativa: o passado, materializado pela múmia, será “devorado” pelo presente, representado pelas figuras dos homens modernos.

<sup>4</sup> BAKHTIN, M. In: “Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski”, 1981, p. 92.

<sup>5</sup> In: “Mummy Knows Best: Knowledge and The Unknowable in Turn of The Century mummy Fiction “

<sup>6</sup> POE, E. A. In: *Ficção Completa, Poesia & Ensaio*, 1981, p. 595.

O sugestivo nome da múmia Allamistakeo (desmembrado o nome em inglês revela-se “all a mistake o”, que pode ser traduzido como “tudo um erro”) nos dá uma sugestão da importância da múmia na narrativa. Os homens decidem fazer experiências com a “Pilha de Volta” e aplicar eletricidade a múmia. O tom sério e ao mesmo tempo zombeteiro se torna explícito na seguinte fala do narrador-personagem:

A aplicação da eletricidade a uma múmia, velha de três ou quatro mil anos pelo menos, era uma ideia, se não bastante sensata, contudo suficientemente original e todos a acolhemos sem detença. Com quase um décimo de seriedade e nove décimos de troça, dispusemos uma bateria no gabinete do doutor e para lá levamos o egípcio (POE, 1981, p. 598).

A junção dos elementos sérios e cômicos permite aproximar o conto à sátira menipeia, pois, segundo Mikhail Bakhtin, tais características remontam o folclore carnavalesco. De acordo com o teórico russo, um dos elementos fundamentais de toda a literatura carnalizada é o riso carnavalesco, que na literatura do século XVIII e XIX é consideravelmente reduzido, chegando à ironia e ao humor. Nesse sentido, podemos determinar não só a passagem anterior como uma evidência menor do riso reduzido, como também na passagem subsequente, momento em que os homens veem o glóbulo da múmia, até então aberta, fechada e a seguinte cena nos é descrita:

Não posso dizer que fiquei *alarmado* diante do fenômeno porque, no meu caso, “alarmado” não é bem o termo. É possível, porém, que, sem as cervejas pretas, talvez me tivesse sentido um pouco nervoso. Quanto a meus companheiros, não tentaram ocultar o terror inequívoco que deles se apossara. O Dr. Ponnonner fazia lástima. O Sr. Gliddon, graças a não sei que processo peculiar, tornara-se invisível. Presumo que o Sr. Silk Buckingham não terá por certo a coragem de negar que se arrastou de quatro pés para baixo da mesa. (POE, 1981, p. 598)

Além do riso reduzido, presente na narrativa através da ironia e comicidade, é possível destacar na passagem acima algumas características presentes na literatura carnalizada como a pluritonalidade de estilos a partir da “fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico”.<sup>7</sup> Nessa passagem, o sério e o cômico se fundem de tal modo que o espanto das personagens – que na maior parte da literatura fantástica seria um momento possível para causar medo aos leitores – causa-nos riso.

Como nos lembra Bakhtin, o carnaval é a festa do tempo que tudo destrói e tudo renova, e tal característica é vista na simbologia de coroação e destronamento. Este ritual consiste no coroaamento e destronamento de um escravo ou um bobo como rei carnavalesco, invertendo as ordens hierárquicas e consagrando o “mundo às avessas”. Nesse sentido, a praça pública aproxima os homens que na vida cotidiana estão separados por uma intransponível barreira hierárquica. A ligação desse ritual com o conto de Poe pode ser lida de duas maneiras: ao colocar passado e presente em uma mesma realidade, Poe aproxima homens que estão temporalmente distantes. A segunda leitura possível consiste no prosseguimento ao conto, quando a múmia começa o seu discurso:

– Devo dizer-vos, cavalheiros que estou tão surpreso quanto mortificado pela vossa conduta. Do Dr. Ponnonner nada de melhor se poderia esperar. É um pobre tolheirão que nada sabe de nada. Tenho pena dele e perdôo-lhe. Mas vós, Sr. Gliddon... e vós, Silk (...). Vós, a quem sempre fui levado a olhar, como amigo fiel das múmias... realmente esperava de vós uma

<sup>7</sup> Idem, *ibidem*, p. 93.

conduta mais cavalheiresca! Que devo pensar de vossa atitude tranqüila vendo-me assim tão estupidamente tratado? Que devo supor de vós consentindo que Fulano, Sicrano e Beltrano me arranquem dos meus caixões, tiram-me as roupas, neste clima miseravelmente frio? (POE, 1981, p. 599)

Assim como na sátira menipéia os rituais de coroação-destronamento instauram o “mundo às avessas” devido à inversão hierárquica, no conto de Poe, tal inversão é manifestada no comportamento da múmia e dos homens. Esperava-se que a múmia, por estar morta e ser de outro tempo, agisse de um modo bárbaro e desumano. No entanto, a múmia não só se mostra completamente civilizada, como também exibe uma completa repulsa perante as atitudes dos “vândalos”. Tal inversão realça o aspecto cômico da narrativa.

Diante de uma situação tão insólita, a conduta natural dos homens, segundo o narrador-personagem, deveria ser, mais uma vez, sair correndo, cair em ataques histéricos ou então desmaiarem. Mas,

E, palavra de honra, não posso compreender como ou por que foi que não fizemos nem uma coisa nem outra. Mas, talvez, a verdadeira razão esteja no espírito deste tempo que procede totalmente de acordo com a regra dos contrários e é agora usualmente admitida como solução de todos os paradoxos e impossibilidades. (POE, 1981, p. 599/600)

As múltiplas facetas das narrativas de Edgar Allan Poe consistem na convergência entre imaginação, filosofia e, neste conto, crítica social. O escritor viveu uma época conturbada em que os Estados Unidos não só caminhavam rumo ao industrialismo e ao progresso como também viviam um crescimento demográfico. As marcas da modernidade constituem nas narrativas de Poe uma de suas características mais reluzentes, como nos mostrou Walter Benjamin ao analisar a figura do *flâneur* no conto “O homem da multidão” (1940).

Se não bastassem todas essas características que correlacionam o conto de Poe à sátira menipéia, o ponto alto da carnavalização na diegese é o momento em que a múmia sente um tremor de frio e é travestida com roupas dos homens modernos. Apesar da disparidade de tamanho entre a múmia e o dono das roupas proporcionar uma imagem grotesca, na visão do narrador-personagem “podia-se dizer que ele estava bem vestido”.<sup>8</sup> Nessa imagem híbrida e alegórica, a múmia traveste não só de vestimentas, como ocorre no ritual carnavalesco, mas também de modernidade. Assim, pode-se dizer que a múmia interpretará o passado a partir do presente. Vários elementos da sátira menipéia são articulados no conto de Poe, como o riso reduzido, o sarcasmo, entre outros, para instaurar o “mundo às avessas”, que permite Poe, por meio da figura de uma múmia, revisar o passado e ironizar o presente.

### 3. O Fantástico e o Contexto

Em *Introdução à Literatura Fantástica* (2004), Todorov embebido das teorias estruturalistas preocupou-se em desenvolver um estudo imanente, “baseando (...) unicamente em unidades internas”<sup>9</sup>. Sua análise baseia-se em três aspectos: o aspecto *verbal* dos textos, ao que reside nas frases concretas que constituem o texto; o segundo é o *sintático*, isto é, as relações entre as unidades que se referem à apreciação das personagens sobre os acontecimentos da narrativa, e por fim, o *semântico*, ou seja, os temas das obras. Apesar desta

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*, p. 601.

<sup>9</sup> TODOROV, T. In: *Introdução à Literatura Fantástica*, 2004, p. 166.

abordagem, Todorov reconhece no final de seu estudo que o fantástico também apresentou uma *função social*, constituindo uma ferramenta para os escritores poderem debater certos tabus.

Apesar de não ser a proposta da abordagem, Todorov reconhece que o fantástico – das obras do século XIX – desempenhou uma relação específica com o contexto social sendo uma forma de combate às censuras e discutir os tabus. A abordagem do fantástico com o contexto não deve ser elaborada por critérios rígidos como o faz Todorov ao restringir e fixar o fantástico como tendo apenas uma única função. À luz do contexto de uma obra, devem-se ampliar os modos de abordagens do insólito para reconhecer que o fantástico pode apresentar múltiplas e distintas “funções sociais”.

Compreenderemos melhor o fantástico construído neste conto de Poe se analisarmos não só a temática e as estruturas que regem o discurso literário, mas também as relações que esta obra apresenta com os outros discursos. Nesse sentido, nosso trabalho não pretende esgotar a obra, mas apresentar uma possível interpretação de como Poe problematiza, entre outras coisas, a experiência do tempo, ora apresentando a visão do tempo como progresso ora rompendo-a. A necessidade de analisar o fantástico não só a partir de estruturas imanentes da obra literária, mas também relacionar a outros discursos consiste em reconhecer que o fantástico é um modo de criticar e debater vários aspectos da sociedade, como a política, a moralidade e a experiência do tempo, entre outros aspectos que se relacionam com o homem.

Um dos núcleos temáticos desenvolvidos pela literatura fantástica é a “vida dos mortos”<sup>10</sup>, que apesar de não ser um tema novo, posto que a temática está presente nas visitas ao além-mundo de personagens como Homero em *Odisseia*, na modalidade fantástica tal núcleo se constrói com novos aspectos. Nos dizeres de Ceserani, a temática “Liga-se a novas explorações filosóficas e experimentações pseudocientíficas, com o desenvolvimento das filosofias materialistas e sensitivas, das filosofias da vida e da força, dos experimentos sobre o magnetismo”.<sup>11</sup> No século XIX a temática ganha uma nova dimensão e uma nova complexidade, sobretudo devido aos experimentos de Luigi Galvani, tal como é citado no conto por Poe. O galvanismo sugeriu a possibilidade de reanimar os mortos por meio de corrente elétrica.

A análise do fantástico relacionando-o com o contexto da obra se faz importante no conto de Poe, sobretudo porque o autor manipula os elementos da narrativa, aproximando o insólito à sátira menipéica com o objetivo de satirizar a modernidade. Neste sentido, como afirma o crítico Zabel, as obras do escritor norte-americano vão além da imaginação, pois,

Em suas fantasias humorísticas, Poe torna-se um historiador e um crítico social, e muito nos tem a contar sobre os males crescentes e as perigosas possibilidades pelas quais passaram os Estados Unidos ao se fundirem numa só nação, com todos os elementos raciais e morais concebíveis do mundo. (ZABEL, 1949, p. 95)

Em “Pequena Conversa com Uma Múmia” o escritor/historiador apresenta uma discussão entre os modernos e o egípcio problematizando, assim, a relação conflituosa entre o passado e o presente. A análise da discussão entre os homens que prossegue na segunda parte do conto demonstra múltiplas possibilidades de se analisar o modo como Poe tece as críticas aos seus contemporâneos. Como fica evidente, por meio do narrador-personagem e das outras personagens articuladas na diegese, Poe ridiculariza a classe burguesa da qual ele faz parte, como no momento em que o narrador-personagem afirma que as ações e o espírito de seu

<sup>10</sup> Esta temática também é conhecida em alguns outros estudos como “diálogo dos mortos”, dependendo assim da escolha do tradutor.

<sup>11</sup> Idem, *Ibidem*, p. 80.

tempo são motivados pela “regra dos contrários”. Desse modo, Poe critica os valores pseudo-morais e científicos de sua sociedade, sobretudo, no que diz respeito aos avanços de seu país, os quais muitos se orgulhavam.

Ao utilizar ironia e sarcasmo para construir as falas das personagens, Poe constroi uma querela entre o antigo e os modernos que será desenvolvida na retórica de cada representante de seu tempo. Outro exemplo da visão escarnecedora da modernidade está no tom de arrogância e de presunção, com que a múmia critica o tempo dos homens modernos: “- Ah percebo! Deplorável estado de ignorância!”<sup>12</sup>. Com tais palavras, a múmia ridiculariza o progresso dos modernos. Os homens modernos querem provar à múmia “a acentuada inferioridade dos velhos egípcios em todos os ramos da ciência, quando comparados com os modernos, e mais especialmente com os ianques”<sup>13</sup>, para isso os homens recorrem à arquitetura aos saberes astrológicos, metafísicos e à democracia.

A múmia mostra aos espectadores modernos, que “Grandes Movimentos eram coisas excessivamente comuns no seu tempo”<sup>14</sup>, e sobre a democracia acrescenta que treze províncias egípcias resolveram libertar-se e criaram a “mais engenhosa constituição que é possível conceber-se.”, a coisa acabou “no mais odioso e insuportável despotismo de que jamais se ouviu falar na superfície da terra” não sem ironia sabemos que o nome do tirano é *População*. Ao utilizarem daquilo que julgam ser a conquista máxima de sua sociedade – a democracia – os modernos querem demonstrar que a sua sociedade não está fadada a desaparecer como a do egípcio. Contudo, a múmia apresenta a democracia como um regime falido e fracassado em seu tempo. Deste modo, Poe *aparentemente* rompe com a visão progressista da História. Acrescenta-se ainda que tais visões sobre a democracia norte-americana podem ter sido influenciadas pela leitura de *La Démocratie en Amérique* escrita por Alexis de Tocqueville e publicada dez anos antes ao conto, em 1835.

No entanto, o conto finaliza com uma reviravolta inesperada no debate entre antigos e modernos, em que a múmia é derrotada pelos homens pelo ridículo argumento das vestimentas que a própria múmia, tão comodamente, havia aceitado. Assim, o satírico é levado ao extremo na medida em que a vitória dos modernos não se deve pelos méritos que eles julgavam como marcas do progresso, mas por meio das roupas. A dificuldade em afirmar se Poe apresenta ou não uma experiência de tempo não mais o vendo como progresso consiste na ambiguidade com a qual a vitória dos modernos é construída: podemos analisá-la a partir da visão de tempo como progresso, uma vez que os modernos saem vitoriosos na discussão, aceitando que, para Poe, os ianques são superiores aos egípcios. Outra possibilidade é analisar a vitória dos modernos como uma ruptura da experiência de tempo como progresso se considerarmos que as roupas como fator máximo de “modernidade” faz parte da visão satírica com a qual o discurso é construído.

Por fim, apesar da “mortificação” da múmia comprovar a supremacia moderna, o narrador-personagem é tomado por um imenso vazio que o leva a tomar uma decisão drástica:

Ao chegar em casa, descobri que já passava das quatro horas e fui imediatamente para a cama. São agora dez horas da manhã. Estou de pé desde as sete, rabiscando estas notas em benefício de minha família e da humanidade. (...). A verdade é que estou absolutamente convencido de que tudo vai mal. Além disso, anseio por saber quem será o presidente em 2045. Portanto, tão logo acabe de barbear-me e de engolir uma xícara de café, irei à casa de Pannonner fazer-me embalsamar por uns duzentos anos. (POE, 2008, p. 47)

<sup>12</sup> Idem, *Ibdem*, p. 602.

<sup>13</sup> Idem, *Ibdem*, p. 605.

<sup>14</sup> Idem, *Ibdem*, p. 607.

Desse modo, Poe narra a história de um homem que viu todas as suas crenças se diluírem diante de seus olhos, o que ocasionou em sua fatal transformação, sobretudo no modo de enxergar a sua sociedade e o presente a qual faz parte. Incapacitado de ver sentido em sua vida e em sua sociedade, o narrador-personagem vê no embalsamento o seu destino: como o passado não recupera o sentido do presente, resta à personagem apenas o futuro. Paradoxalmente, Poe apresenta-nos neste conto uma humanidade que progride e ao mesmo tempo se degrada – uma ideia muito banal hoje, mas talvez não em 1845.

#### 4. CONCLUSÃO

Todas as nossas considerações anteriores a respeito de uma dimensão fantástica que se integra às questões filosóficas, desenvolvidas com minúcia em nossa análise, assim como a ênfase que atribuímos à comicidade ou ao humor predominante no conto levaram a esta aproximação com a sátira menipéia. Trata-se mesmo de uma aproximação consistente que esclarece a combinação destes traços no conto de Poe. Com este passo, não se pretende aqui encerrar definitivamente as questões relacionadas à interpretação de “Pequena Conversa Com Uma Múmia”, mas estabelecer uma aproximação que se mostra inevitável.

Ao utilizar a múmia para satirizar a modernidade, Poe demonstra que o fantástico não pode ser analisado apenas pela temática e pelas estruturas que regem o discurso literário. As narrativas de Poe são valiosas contribuições para a literatura moderna na medida em que também permitem entrever relações com o contexto em que a obra foi escrita. A necessidade de abordar o modo como o contexto é vislumbrado na obra se deve ao fato de o fantástico permitir a discussão de alguns aspectos históricos e sociais importantes, como a democracia norte-americana e a própria experiência de tempo como progresso.

O fantástico, assim como a sátira menipéia, é um jogo de experiências dos limites entre o racional e o irracional, entre a imaginação e a realidade. Unem-se a essas polaridades outras, tais quais: a vida e a morte, o trágico e o cômico, o sublime e o vulgar de modo que as barreiras que separavam tão fixamente tais polaridades são dissolvidas nos contos fantásticos e nas sátiras menipéias, produzindo novas experiências. Desse modo, somos levados a uma última aproximação entre o fantástico deste conto de Poe e a sátira menipéia: o fantástico foi utilizado por Poe para, como nos lembrou Benjamin, “reivindicar a validade universal”. A menipéia ao ser associada ao campo do cômico-sério, proclama a alegre relatividade da cosmovisão carnavalesca em que “debilitam-se a sua seriedade retórica unilateral, a racional, a univocidade e o dogmatismo.”<sup>15</sup> Portanto, o fantástico deste conto de Poe assim como a menipéia, nos dizeres de Bakhtin, “Nada absolutiza(m), apenas proclama(m) a alegre relatividade de tudo”.<sup>16</sup>

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BAKHTIN, Mikhail. “Particularidades do gênero e temático-composicionais das obras de Dostoiévski”, In: *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p. 97-105.

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 92.

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 107.

BENJAMIN, Walter. “O Flâneur”. In: *Charles Baudelaire um lírico no Auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hermeson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 2000.

BORGES, J. L.; OCAMPO, S.; CASARES, A. B., *Antologia de la Literatura Fantástica*. Barcelona: Editora Sudamericana, 1977. Acesso em: 19 de Setembro de 2010. Disponível em: [www.textosenlinea.com.ar/borges/Antologia%20de%20la%20literatura%20fantastica.pdf](http://www.textosenlinea.com.ar/borges/Antologia%20de%20la%20literatura%20fantastica.pdf)

CESERANI, Remo. *O fantástico*. Curitiba: UFPR, 2006.

MARCFARLANE, Karen E., “Mummy Knows Best: Knowledge and the Unknowable in Turn of the Century Mummy Fiction”, In: *Horror Studies*, vol. 1 numº. 1, 2010. Acesso em 10/10/2010. Disponível em: [www.intellectbooks.co.uk/File:download,id=805/horror1.1.5.pdf](http://www.intellectbooks.co.uk/File:download,id=805/horror1.1.5.pdf)

POE, Edgar Allan. In: *Ficção completa, poesia & ensaio*. Trad. e Org. Oscar Mendes e Milton Amado. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1981.

TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ZABEL, Morton D., “Edgar Allan Poe”, In: *A Literatura dos Estados Unidos*. Trad. Célia Neves. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1947.